

*Maria Denise Bortolini*



## Conversão Barroca: O Olhar Reduzido

Maria Denise Bortolini\*

“O que em mim sente está pensando”

Fernando Pessoa

### Resumo

Este artigo é uma abordagem inicial onde se busca, na problematização do conceito de conversão, um caminho para a análise das práticas conversivas desenvolvidas pelos jesuítas no projeto missionário. Trata da pedagogia jesuítica como expressão de seu tempo e dos efeitos operados na sensibilidade Guarani, privilegiando o corpo como *locus* singular deste fenômeno.

**Palavras-chave:** Guarani, Jesuítas, Conversão, Barroco, Missões.

### Abstract

This article is an initial approach where through the concept of conversion is analyse the converse practices developed by the jesuits during the missionary project. It deals with the jesuits' teaching practices as an expression of that time and their effects in the guarani's sensitiveness. It concentrates on the body as a singular locus of this phenomenon.

**Keywords:** Guarani, Jesuits, conversion, baroque, mission.

Bem lembrado por Marilena Chaui<sup>1</sup> é o fato de que *raras vezes despertam atenção as palavras de nosso cotidiano*. Fenômeno semelhante ocorre com a expressão *conversão*, de emprego constante quando se trata da atuação dos padres da Companhia de Jesus na região do Paraguai.<sup>2</sup> Para além da utilização corriqueira do termo, proponho uma reflexão sobre o fenômeno da conversão através da análise da ação jesuítica, considerando como práticas conversivas todos os atos desenvolvidos nas missões objetivando conduzir o

\* Graduada em Estudos Sociais pela FUNDAMES (1985) e em História pela UNIJUÍ (1989). Mestranda em História Cultural na UFSC, sob a orientação do Prof. Dr. Valmir Francisco Muraro.

<sup>1</sup> CHAUI, Marilena. Janela da Alma, Espelho do Mundo. In: **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.31.

<sup>2</sup> Correspondente ao Antigo Paraguai, abrangendo terras do atual Paraguai, Argentina, Chile e dos estados brasileiros do Paraná e Rio Grande do Sul. Nesta região estavam localizadas as Missões ou Reduções, das quais as mais célebres foram as desenvolvidas junto aos Guarani.

Guarani a uma vida cristã e “civilizada”.<sup>3</sup>

A consecução desta abordagem implica algumas especificidades. Primeiramente a necessidade de distender o uso do conceito de conversão, estendendo-o e o compreendendo como o tempo de duração da experiência missioneira, ou seja, um século e meio de utilização de práticas conversivas. Em seguida, pretende-se perceber a conversão como fenômeno individual, que obedece um ritmo nem sempre possível de ser medido coletivamente.

O tempo das emoções, a construção de novos referenciais e o despertar para novos saberes individualizam o fenômeno na medida em que operam obedecendo o ritmo particular de cada ser. Proponho, então, tratar a conversão como experiência particular, individual, na sua relação com a percepção. E estando o próprio corpo Guarani a reagir à ação da catequese missionária, este corpo individual ganha, também, um sentido de coletividade na qual entrecruzam-se o religioso, o cultural e o político, materializados em investimentos complexos e singulares ao mesmo tempo.

Parte-se, portanto, do pressuposto de que a conversão não é dada simplesmente, mas advém de um constructo cotidiano e da hipótese de que este fenômeno, nutrindo-se nas interações decorrentes da utilização dos sentidos corpóreos, aponte como área de maior visibilidade, exatamente, o campo da sensibilidade.

Remontando às origens, o termo *conversão* foi utilizado por Aristóteles<sup>4</sup> e nos tratados de Lógica clássica para designar uma operação da qual de um enunciado se extrai outro, considerado equivalente, mediante a troca das respectivas posições dos termos, sujeito e predicado. Não sendo sempre possível a realização desta operação, às vezes é efetuada a introdução de uma mudança no quantificador “tudo” e “alguns”, podendo o resultado deste exercício lógico estar de acordo, ou não, com a realidade empírica observável.

Na esfera do pensamento religioso, o mesmo termo - ou seja, a *conversão* - significa a ação que envolve o abandono de uma seita ou religião e a conseqüente passagem para outro grupo ou seita religiosa.<sup>5</sup> Homero Pinheiro<sup>6</sup> inclui, na sua explicação sobre o termo, a idéia de verdadeiro e

<sup>3</sup> O padre Antônio Ruiz de Montoya, na *Conquista Espiritual*, oferece uma definição de “redução” ou “missões” que se tornou clássica, referindo-se a estas como [...] *povoados de índios que, vivendo à sua antiga usança em selvas, serras e vales, junto a arroios escondidos, em três, quatro ou seis casas apenas, separados uns dos outros em questão de léguas duas, três ou mais, “reduziu-os” a diligência dos padres a povoações não pequenas e à vida política (civilizada) e humana, beneficiando algodão com que se vistam, porque em geral viviam na desnudez, nem ainda cobrindo o que a natureza ocultou*”.

<sup>4</sup> ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.208.

<sup>5</sup> BUARQUE, Aurélio. *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1986. p.471.

<sup>6</sup> PINHEIRO, Homero. *Temas & Textos Interdisciplinares*. Rio de Janeiro: Aula, 1992. p.403.

falso. Para o autor, ao praticar uma conversão, o indivíduo está abandonando uma crença religiosa que julga falsa para adotar outra que crê ser verdadeira. Por esta ótica, o sujeito é um converso para a religião que adota e um apóstata para a religião que abjura.

O século XV inaugura uma nova fase nas lutas pela conversão, a qual alcançará uma dimensão global, impulsionada pela expansão marítima e marcada pelas diferenças tecno-culturais dos povos envolvidos. Na América, Ásia e África, a ação missionária de diversas ordens religiosas, que acompanham as conquistas ultramarinas, leva aos quatro cantos do mundo a fé cristã, inicialmente na versão católica. Para os povos que sofrem o processo de conquista almeja-se uma conversão que se aproxima do exercício lógico aristotélico; a saber, o desejo de conversão busca extrair enunciados universais, a conversão de *todos* os povos não cristãos.

Na Europa, a conversão, no sentido dado por Pinheiro, ocorre com todos os católicos que abandonam seu culto de origem, passando a seguir as seitas protestantes surgidas com o movimento reformista de Lutero. Neste caso, trata-se de uma escolha que implica mudança de rito e dogmas, não de crença. A contestação opera-se no nível institucional, pois a fé continua sendo cristã, um fenômeno religioso construído no interior da própria cultura. Homero Pinheiro alude, igualmente, ao fato de que a conversão pode ser voluntária ou simulada, por conveniência ou violência, ou, ainda, ambas. Pode se tratar de uma forma de sobrevivência ante uma situação extrema na qual os adeptos de um culto, sendo maioria, possuem a tutela do poder, o uso da lei e o serviço das armas. Segundo o autor, esta é a justificativa para o que ocorreu com os povos americanos, explicando as famosas “conversões em massa” como se alguma coisa de sobrenatural conduzisse a tanto.<sup>7</sup> Percebendo a profundidade e a extensão do conceito, ele o utiliza para denominar processos que abarcam alterações profundas na vida de um sujeito ou de um grupo.

Ao aplicar o conceito de conversão à história da Companhia de Jesus no Paraguai, bem como a sua ação junto aos Guarani, há que se ter em mente não apenas os dados estatísticos de almas “reduzidas à vida civilizada”, conforme o padre Ruiz de Montoya<sup>7</sup>, mas a experiência de convívio ímpar que o fenômeno origina.

A ação conversiva jesuítica junto aos Guarani introduz, paulatinamente, idéias e objetos alheios à cultura local. Alimentos, roupas, imagens, sons, odores, elementos exóticos em sua natureza vão compondo um novo cenário

<sup>7</sup> MONTOYA, Antônio Ruiz de. *Conquista Espiritual*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1997.p.35.

ao qual os Guarani devem adaptar-se. A leitura destes elementos tem um resultado muitas vezes surpreendente. Antônio Sepp ilustra esta afirmação na medida em que relata um suicídio que ocorreu durante sua visita à missão de Yapeyú. A imagem de seu relato é, antes de mais nada, uma demonstração de força da própria imagem. Uma índia reestampa um quadro da igreja, cujo conteúdo é a imagem da Madre Dolorosa com o coração traspassado por sete espadas.

Interferindo no ñande-reko, o modo de ser Guarani, não se instaurou em seu lugar uma réplica do mundo europeu. Da experiência jesuítica-guarani não foram extraídas verdades equivalentes como na operação lógica aristotélica, tampouco ocorreu uma conversão racional nos moldes protestantes. As missões, e a conseqüente transformação de hábitos e costumes, originaram uma experiência *sui generis* dentro do cenário colonial. Desta experiência interessa, neste espaço, exatamente observar as práticas engendradas para a conversão em seu trajeto pelas sendas do sensível. Um desejo de conversão que tocou os olhos, os ouvidos, o paladar, enfim, o corpo guarani com o *novo* trazido pelos missionários.

Armados de um extraordinário método pedagógico, que são os Exercícios Espirituais, os jesuítas almejam a conquista da alma guarani. A prática dos exercícios e seus efeitos coordenam a ação missionária da Companhia de Jesus em todos os recantos do mundo onde se encontram. Na transcrição da obra de Santo Inácio, realizada por Gustav R. Hocke<sup>8</sup>, encontra-se uma passagem dos exercícios praticados diariamente pelos jovens em formação, através dela pode-se ter uma idéia do conteúdo e intenção desta obra. Na *Meditação sobre o inferno*, quinto “exercício” da primeira semana, Inácio de Loyola (1492-1556) escreve:

“Com os olhos da imaginação, veja-se o comprimento, a largura, e a profundidade do inferno... as imensas chamas de fogo que encobrem as almas, como se fossem corpos que estão sendo cremados. (Ouça-se): os choros, os urros, os gritos, as blasfêmias... (Cheire-se): a fumaça, o enxofre e as coisas em estado de putrefação... (Experimente-se com o paladar): as lágrimas, a tristeza, o verme da consciência... (Toque-se): as lavas de fogo que envolvem as almas e que as queimam.”

<sup>8</sup> Método meditativo desenvolvido por Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus. Sua prática era exigida a todos os missionários. Desta forma, buscavam, além da purificação, corresponder às expectativas divinas. Maiores informações ver: GAMBINI, Roberto. *O Espelho Índio*. Rio de Janeiro: Espaço & Tempo, 1998.

Posteriormente Hocke completa, “inferno e morte na idéia, na imaginação! Imagens horrorosas projetadas, como por uma lanterna mágica, no quarto meditativo da consciência”.<sup>9</sup> Veja, ouça, cheire, prove, toque. Inácio de Loyola educa os cinco sentidos e, através deste método de imaginação ativa, transforma o corpo em laboratório para depois, sabedor da percepção do corpo e ciente das mediações que este realiza com o mundo, trancá-lo com as chaves da consciência.

Porém, enquanto a formação jesuítica busca alcançar um total controle das próprias emoções e sentidos, realizam com seus espectadores, fiéis ou pagãos, exatamente o oposto. Usam seus sentidos almejando torná-los receptivos à mensagem cristã. A escola jesuítica ambiciona a conversão dos pagãos. Que estes desabrochem ante a visão da verdadeira fé e ao toque da palavra santa.

A ação jesuítica também concorreu para a construção do espírito de uma época: o Barroco. São os *Soldados de Cristo* os responsáveis pela propagação da *alma católica do barroco*<sup>10</sup> numa Europa desencantada pela cosmologia copernicana e dividida pela Reforma.

Descobrindo a força educativa da arte, os jesuítas dela fizeram uso como nenhuma outra ordem religiosa o fez. Dentre as expressões artísticas, foi no teatro que os jesuítas imprimiram uma marca indelével. Souberam aproveitar as mudanças que vinham sendo operadas nesta arte e, ainda mais, as elevaram a seus últimos desenvolvimentos tanto nos palcos públicos como nos colégios. A distribuição interna, a separação entre público e atores, o obscurecimento do palco e o uso de artifícios responsáveis por efeitos cênicos, como trovão e raios, entre outros, foram introduzidos para auxiliar na impressão de que o espectador estava presenciando um milagre, almejando, com isso, transformar encenações em arma de penetração educativa e de difusão de idéias.

A poética jesuíta ensinava aos escritores a dirigir não somente os atores, mas fazia com que o auditório participasse do acontecimento. Assim, dominaram o teatro como a instituição do drama educativo.<sup>11</sup>

Esta *pedagogia*\* jesuítica, quando transportada para a América, terá de adaptar-se a um novo cenário e a uma platéia especial. Aqui, os *Soldados de Cristo* darão início a mais um ato do drama barroco encenado num palco chamado Missões, onde a alma católica do barroco se empenhará na conversão da alma Guarani. Sobre esta pedagogia da conversão escreve o padre Antônio Sepp:

<sup>9</sup> HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O Mundo como Labirinto*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>10</sup> HOCKE, Gustav R. *Maneirismo: O Mundo como Labirinto*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>11</sup> Idem, p. 103.

“Além disto, procurei suscitar sentimentos de piedade em nossos índios por meio de cenas teatrais acomodadas a esta gente rude. Na redução de Santo-Inácio, encenei com rara felicidade os Primórdios da vida de nosso santo Padre. Embora tivesse empregado apenas oito dias, representaram tão habilmente os seus papéis, que a gente os julgaria atores europeus, e não índios incultos e achavascados. Todos se tomaram de pasmo, e os olhos se rasaram de sentidíssimas lágrimas.<sup>12</sup>”

Nos aldeamentos americanos, principalmente na Província do Paraguai, as missões jesuíticas desenvolveram, entre 1609 e 1768, um amplo projeto missionário e, dentre os povos da região, foi junto aos Guarani que a Companhia logrou uma atuação de maior durabilidade e riqueza material. No espaço missionário, o cotidiano e os momentos de festejos foram marcados pelas práticas catequéticas. Pela dificuldade de classificar e operar uma separação entre encenações, danças, procissões e apresentações musicais, estas manifestações foram denominadas, de maneira geral, de *espetáculos*.

Historicizando o início destas práticas, Walter Rela aponta para o fato de que os jesuítas estiveram atentos a toda e qualquer expressão que denotasse um acontecimento comunitário, observando a frequência e a participação de uma ou mais tribos, bem como o motivo que provocava tais eventos para, assim, explorá-los.<sup>13</sup> Walter Rela assim define o comportamento jesuítico:

“Así empezaron a calificarse y cuantificarse, las necesarias referencias en tiempos y lugares concretos, de cantos, músicas y danzas celebratorias, aprovechables (com las debidas correcciones) para familiarizarse cada vez com las cosas que uniendo a los indígenas, permitían la penetración pacífica del cristianismo.<sup>14</sup>”

<sup>12</sup> CARPEAUX, Otto Maria. **Teatro e Estado do Barroco**. In: *Revista Estudos Avançados*. Nº10. São Paulo: USP/IEA, Set/Dez, 1990. p.7

<sup>13</sup> COUTINHO, Afrânio. **Do Barroco**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994. p.p.121 e122.

<sup>14</sup> O termo pedagogia é aqui entendido como conjunto de doutrinas, princípios e métodos de educação e instrução que tendem a um objetivo prático, ou seja, a conversão. Para a utilização da expressão no sentido de tradução do caráter intencional da dominação européia ver: SHALLEMBERGER, E. **Políticas Integracionistas e a Redução Cultural na América Latina – A Pedagogia da Dominação**. In: Anais do X SNEM, Santa Rosa: UNIJUI Editora, 1994. p.99.

<sup>14</sup> SEPP, Antônio. **Viagem às Missões Jesuíticas e Trabalhos Apostólicos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988, p.243.

O tempo e o espaço da música e da dança, do canto cerimonial e de sua coreografia foram expressões observadas com atenção pelos jesuítas em cada tribo que tentaram evangelizar e delas fizeram uso como meio de comunicação prática. Se de início conservaram partes de sua essência, o propósito final era, gradualmente, corrigir seu conteúdo substituindo-o pelo conteúdo evangelizador.

O assunto dramático foi sempre estritamente cristão, não obstante a sobrevivência de rituais mantidos pelos jesuítas, devido o apego demonstrado pela população nativa. Também havia o fato de que determinadas expressões contribuía e favoreciam as funções religiosas. A técnica do espetáculo diferia segundo o local e os espectadores. Nos assentamentos usou-se como decoração os elementos naturais da região, justamente com os quais todos estavam já familiarizados.<sup>15</sup>

A utilização da comoção era uma estratégia dentro do projeto de educação missionária, pois, desde a concepção até a organização e execução de qualquer atividade, o pensamento balizador era convencer para educar. No seguinte trecho do estudo de Walter Rela lê-se que:

“La danza indígena mantuvo la esencia del ritual, porque fue el mayor instrumento de solidaridad colectiva entre los distintos grupos, que tienen su habitat en el Paraguay, y entre los que sobresalían los guaraníes. La explicación está en la actitud sentimental que se contagiaba a los semejantes durante las fiestas de la tribu. Una parte menor ocupaba el goce estético, que es además posterior en la evolución de la danza. La primera etapa corespondía a la función excitante para la guerra entre las comunidades; después, a la exposición de los acontecimientos familiares más notables; por último, el embrión de una corriente dramática autoctona que se nutrió en la mitología local.<sup>16</sup>”

Os espetáculos encenados, tanto na Europa quanto na América, disputavam o espectador. Na Europa, a preocupação jesuítica era mantê-lo fiel à fé católica, abandonando a tentação de um culto protestante. Na América, especialmente no caso das populações aldeadas pelos missionários jesuítas, a tarefa recaía sobre a conversão ao cristianismo, o que representava

<sup>15</sup> RELA, Walter. *El teatro Jesuítico en Brasil, Paraguay, Argentina Siglos XVI-XVII*. Montevideo: Universidad Católica del Uruguay, 1990. p.20.

<sup>16</sup> Idem.p.21.

profundas alterações do mundo vivido, do *nãnde reko* Guarani.

Diferentemente do sentido de escolha que se pode atribuir à conversão no espaço europeu, o mesmo fenômeno, inserido no processo de colonização, representou para as populações nativas, em particular para os Guarani, uma possibilidade de sobrevivência. Não se tratou, por certo, de uma escolha no sentido usual da palavra, mas, provavelmente, da mais viável entre as alternativas que se apresentavam.

A execução do objetivo missionário comportava a reconstrução dos hábitos indígenas com elementos europeus, de forma que a nova cultura fosse retomada pela cultura local investida de novos meios. Isto se torna mais evidente na permanência da língua guarani, paradigma fundamental desta pedagogia. Para Alfredo Bosi, a transposição da mensagem cristã para a fala indígena demandava um esforço de penetrar no imaginário do outro. Para ele, *Aculturar é sinônimo de traduzir*.<sup>17</sup>

A língua guarani recebeu especial atenção por parte de Ruiz de Montoya (1582-1652). Seus trabalhos lingüísticos, especialmente o *Tesoro de la lengua guaraní* (1639) e o *Catecismo de la lengua guaraní* (1640), são considerados por Bartomeu Melià a melhor etnografia Guarani. Segundo Melià, a língua é um lugar privilegiado de expressão da cultura de um povo, o que faz desta uma documentação fundamental.<sup>18</sup>

Sobre o processo de aprendizagem da língua guarani assim refere-se Montoya:

“[...] naquele povoado fiquei alguns dias, administrando aos índios os sacramentos, e, com o curso ininterrompido de falar e ouvir a língua deles, consegui facilidade nela.”<sup>19</sup>

Em alusão ao idioma, Antônio Sepp (1655-1733) apresenta muitas contradições em sua correspondência. Diferentemente de Montoya, seu contato com as populações Guarani deu-se em época mais avançada do desenvolvimento das reduções. Sobre o uso da língua nos espetáculos, escreve Sepp:

“[...] não falavam espanhol e muito menos latim, mas a língua nativa do Paraguai, por vezes em verso, nos denominados entre-atos.[...] Tudo isto até agora lhes era coisa nova e

<sup>17</sup> Idem p.112.

<sup>18</sup> Ibidem.p.156.

<sup>19</sup> BOSI, Alfredo. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p.65.

inaudita. Aliás, nem podiam imaginar como sua língua bárbara, inculta e tão difícil de pronunciar, pudesse ser apta para levar à cena tais episódios da vida dos santos, e muito menos de exprimir *harmonias musicais*.<sup>20</sup>

Em páginas anteriores, Sepp ainda coloca:

“Entre todas as línguas, a mais importante para nós é o Guarani. É muito difícil de ser compreendida e não tem a mínima semelhança com o espanhol, alemão ou latim. É uma língua bem original.”<sup>21</sup>

Por vezes equivocadas, porém constantes na correspondência jesuítica, são as referências à preocupação com os meios eficazes que levariam os Guarani à conversão. A força da percepção visual para a efetivação de aprendizagens levou o padre Sepp a alegar que:

“Ao ler estas cousas quase incríveis, perguntará, com toda razão, algum leitor europeu curioso, quem pôde civilizar a tal ponto entes bugres estúpidos e brancos? Respondo eu: na verdade, são estúpidos, brancos, bronquíssimos estes nossos selvícolas para todos os assuntos espirituais, para tudo que reclama trabalho mental e que não se pode ver com os olhos.”<sup>22</sup>

Diz Santo Agostinho que no conhecimento sensível a visão é usurpada, por analogia, pelos demais sentidos. Assim, refere-se à aptidão do olhar para o conhecimento como:

“[...] um desejo de conhecer tudo, por meio da carne. Este desejo curioso e vão disfarçar-se sob o nome de conhecimento e ciência. Como nasce da paixão de conhecer tudo, é chamado nas divinas Escrituras, de concupiscência dos olhos, por serem estes os sentidos mais aptos para o conhecimento. É aos olhos que propriamente pertence o ver. Empregamos, contudo, este termo mesmo em relação aos outros sentidos,

<sup>20</sup> Para maiores informações sobre o modo de ser guarani na primeira documentação jesuítica. Ver: MELIÀ, Bartomeu. *El Guaraní Conquistado y Reducido*. Asunción: Biblioteca Paraguaya de Antropología, 1986.

<sup>21</sup> Op.cit.p.41.

<sup>22</sup> Op.cit.p.243.

quando os usamos para obter qualquer conhecimento. Assim não dizemos “ouve como brilha”, “cheira como resplandece”, “saboreia como reluz”, “apalpa como cintila”. Mas já podemos dizer que todas essas coisas se vêem. Por isso não só dizemos “vê como isto brilha - pois só os olhos o podem sentir - mas também “vê como ressoa, vê como cheira, vê como sabe bem, vê como é duro”. É por isso que se chama concupiscência dos olhos à total experiência que nos vem pelos sentidos. Apesar de o ofício da vista pertencer primeiramente aos olhos, contudo os restantes sentidos usurpam-no por analogia, quando procuram um conhecimento qualquer.<sup>23</sup>”

Na língua guarani, segundo o estudo realizado por Graciela Chamorro, os olhos, na linguagem do prazer, são imagens de uma polissemia particular. A palavra “prazer” /*tesaindáva*/, por exemplo, deriva do termo básico olhos /*tesa, sa*/. Sendo que algo que agrada, ou dá prazer a alguém, se expressa através das metáforas “bons olhos” e “a menina dos olhos”.<sup>25</sup>

Na linguagem visual das reduções, o olho Guarani estará em contato com imagens que, com certeza, não despertaram apenas prazer, mas foi também submetido ao terror educativo, às visões aterrorizantes do inferno, de criaturas diabólicas, da dor e do sofrimento dos pecadores. A mente Guarani deveria reproduzir imagens de um paraíso e um inferno, desconhecidos até então.

Descrevendo a missão de São João Batista, Antônio Sepp relata que:

“A igreja está pintada a diferentes cores. Pelas colunas entrelaçam-se, não sem elegância, cachos de uva e ramalhetes de flores, com heras. Vêem-se pendurados nas paredes quadros de diversos santos. Nem tão pouco esqueceram gravuras das horríveis chamas do inferno, para conservar os índios no santo temor de Deus e afastá-los do pecado.<sup>26</sup>”

Alguns autores, como Cardiel, preocuparam-se em caracterizar a percepção dos Guarani. Para ele, *sus sentidos... muy semejantes a los de las fieras*.

<sup>23</sup> Idem. p.p.123-24.

<sup>24</sup> Idem.p.245.

<sup>25</sup> AGOSTINHO, Santo. Confissões. In: Marilena Chaui. Janela da alma, espelho do mundo. **O Olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.39.

<sup>26</sup> SEPP. Op. cit., p.238.

*La vista muy perspicaz y también el oído.*<sup>27</sup> Segundo Sérgio Buarque de Holanda estas particularidades dos sentidos se devem à:

“[...] necessidade de enfrentar desde a infância uma natureza cheia de caprichos tornara o índio apto a triunfar sobre todas as contrariedades de seu meio. Incapaz, muitas vezes, de exercer-se em certas artes, que requerem uma existência sedentária, à maneira dos brancos, seus sentidos adquirem energia singular onde seja obrigado a uma constante mobilidade[...]. Se em terreno limpo não conseguem enxergar facilmente, a ponto de haver quem lhes atribua certa atrofia dos órgãos visuais[...], a verdade é que realizam prodígios na escuridão e no emaranhado das matas, acompanhando a grande distância a caça cobiçada, seguindo as no vôo ou descobrindo tocas e esconderijos de animais.”<sup>28</sup>

Conforme escreve Marilena Chaui, no artigo *Janela da Alma, espelho do mundo*, “*Dos cinco sentidos, somente a audição (referida à linguagem) rivaliza com a visão no léxico do conhecimento*”<sup>29</sup>

Nas missões, Antônio Sepp, acalenta expectativas de uma conversão musical pois,

“[...]se ainda houver quem considera a estes coitados ineptos para especulações metafísicas, reconheça ao menos neles um tino prático para serviços mecânicos e, sobretudo, uma propensão rara para a música. Esta última os torna sobremaneira dóceis. Deste modo, criaturas boçais que são e incapazes de compreender as cousas do espírito, entrar-lhes-ão pelos ouvidos as verdades fundamentais da fé católica.”<sup>30</sup>

A conversão teria, antes de mais nada, que apoderar-se do corpo Guarani. O Deus cristão habitaria sua alma, trilhando as sendas de olhos e ouvidos.

As observações de Cardiel denotam compreensão das peculiaridades do grupo, pois, após classificar as aptidões e deficiências dos Guarani, conclui:

<sup>27</sup> Idem . p.20.

<sup>28</sup> HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.p.22.

<sup>29</sup> Op.Cit. p.37.

<sup>30</sup> Op.Cit.p.248.

“[...] Por ver la facilidad con que aprenden cuando niños a leer, escribir, danzar y la música y después los oficios mecánicos, há pensado tal o cual que la corta racionalidad que muestran sólo consiste en falta de crianza... Pero no és así... tienen la organización distinta de la nuestra.”<sup>31</sup>

Neste interregno entre a descoberta das diferenças e o emprego das técnicas catequéticas, entre a entrada dos jesuítas na região do Paraguai e a destruição das missões, o corpo guarani foi sendo marcado por estranhas escrituras com resultados muitas vezes imprevisíveis.

A associação entre a prática conversiva e a percepção almeja um retorno ao sentido mais amplo do conceito de conversão e propõe dirigir um olhar para as práticas catequéticas da Companhia de Jesus, nas missões do Paraguai, de maneira semelhante ao olho que acompanha o disparo de uma flecha, não estando atento ao momento do disparo e nem ao alvo, mas à trajetória percorrida pela flecha, do arco ao alvo.

<sup>31</sup> FURLONG, Guillermo. In: SEPP, Antônio. *Continuación de las Labores Apostólicas*. Buenos Aires: EUDEBA, 1973.p.20.